

## A FESTA DA LIBERDADE

Antes que me esqueça, porque a memória já se esbate, e antes de renunciar ao fardo deste corpo, começo por me apresentar. O meu nome é Luís Câncio e conto noventa anos de idade, ou talvez noventa e cinco, tenho a certeza que estou por aí. Com esta velhice, não me afecta concluir a viagem da vida mas terminá-la bem é o que mais me importa. Todavia, confesso, muito ditoso me sentiria se a Providência me levasse a vida para além dos cem anos. Até lá e por ora, passo a maioria do meu tempo amortalhado na Fábrica das Palavras, a nova biblioteca bem perto da minha terra, o local perfeito para escrever os meus testemunhos, bem de frente para o rio Tejo, o mesmo onde o célebre nadador Baptista Pereira fez o seu lugar de brincadeira preferido. Ou para que me convença não haver lugar mais digno para garantir que serei sempre factualmente leal, tanto quanto possível, e tão verdadeiro quanto leal. Pelo menos antes que alguma espécie de prostração me ataque e remova as minhas recordações.

Esclarecidas as preocupações que acabei de expor, que me seja permitido deixar aqui o testemunho de um dia bem passado. Estamos no início do mês de Outubro. Quase todos os produtos da terra já recolheram aos celeiros e aos lagares, e sente-se agora no ar as vibrações das ruas da cidade de Vila Franca de Xira, ocupadas por mares de gente de todos os lados. É o início da famosa e tradicional Feira de Outubro e já se sabe que isto de festas é um acorrer de pessoas vindas do Minho ao Algarve.

Pela manhã, o tão conhecido barco Liberdade palmilhava tranquilamente pelas águas do rio por entre uma ligeira bruma que acinzentava o ar e dificultava o vislumbre de qualquer raio de sol. Ainda assim, espalhado pela rua principal da cidade, o povo esperava com expectativa a passagem do gado bravo arroupado entre os cabrestos e comandados pelos destemidos campinos. Depois da azáfama matinal na colocação das últimas tranqueiras de madeira que religiosamente vedavam as ruas, os comboios chegavam atulhados de

gente para se juntar aos grandes amadores de touradas e de bom vinho fora de portas.

Todo aquele povo esperava que os foguetes rebentassem no ar para anunciar a largada dos furiosos animais pelas artérias da cidade. Vila Franca é, de facto, a terra em que dia de touros nas ruas é motivo de enorme festa. Até à libertação das bestas é um fartote de riso ver os miúdos simularem corridas de touros por entre feirantes e vendedores ambulantes que tentam despachar rapidamente lotes de lenços vermelhos ou garrafas de água fresca.

Bem junto à Ponte Marechal Carmona, na zona norte da cidade, fizeram-se ouvir os morteiros de aviso da largada dos animais da curraleta. Eu próprio os consegui ouvir ao longe e senti de imediato uma enorme emoção. Começara o regozijo que todos ansiavam. As pessoas logo vibraram e soltaram gritos como se quisessem afastar qualquer temeridade. Logo de seguida, o gado foi encaminhado até à centenária Praça de Touros Palha Blanco, local glorioso de tantos afamados toureiros que esta terra deu ao mundo. Visto à distância, touro e campino, convencemo-nos de que as feras rasam o solo com o ventre na distensão da galopada. O efeito é sempre grandioso, com os cavalos à frente a aplanar os trilhos para os touros os perseguirem. Por entre a algazarra, todos estavam radiantes e nos seus olhos bailavam lágrimas de júbilo.

A cidade estava toda ali, grande parte de copo de vinho branco numa mão e, na outra, com uma succulenta sandes de courato. Todos queriam contemplar a passagem dos bichos bravos. Os mais valentes enfrentavam-nos, parando à sua frente para os retardar e animar o momento. Naquele enorme espaço, em que a besta não reconhece classes de gente em quem marrar, todos planeiam ser toureiros. Há, de facto, muito de ilusão nestes improvisados toureiros, a quem os touros, ao aflorarem-lhes a fúria, se voltam aos que se dizem mais destemidos. O certo é que fugia-lhes o sangue do rosto, tão brancos de medo que estavam. Com rigor direi que, se não houvesse buraco ou candeeiro providencial, nada os salvaria de uma valente cornada. Meu Deus, que grande dose de coração! Que venha touro negro à solta e os mais atrevidos surgem de toda a parte: os agricultores de terras adjacentes, os caminhantes vindos pelo percurso pedonal junto ao rio, os turistas e campistas e, pasme-se, até o mais nobre homem de negócios. Mas isto é festa, a verdadeira identidade desta gente

que ama a sua terra, tal como me foi inculcado pelo meu pai Gineto que o escritor Soeiro Pereira Gomes tão bem celebrizou no seu livro *Esteiros*.

Bem mais velho e longe dos telhais onde trabalhara em criança a troco de um salário miserável, Gineto tornara-se num dos mais reconhecidos campinos da região. “*Todo o ribatejano que se preze é campino*”, dizia-me ele constantemente, demasiado gritante para ser tomado por desatenção. Eu sorria, pois alguma coisa tinha a ver com as suas débeis competências para a escola e pelo seu corpo franzino não ser o adequado para trabalhar nos fornos rotativos da Fábrica Cimento Tejo, bem perto da sua casa. Ser campino era uma matéria sobre que ele tinha pensado desde sempre, e com frequência. Para si, que vivia com o proveito da desgraça e a braços com a afronta infeliz da repressão existente no país, sem esquecer de que era uma altura em que o miserabilismo era por demais evidente, não havia outro caminho para a felicidade do que procurar a liberdade que há tanto lhe era castrada.

Tantos anos depois poderei testemunhar piamente que era com a liberdade que ele parecia tocar o próprio céu, mesmo consentindo os riscos de não ser compreendido. Ser portador da sua própria liberdade era uma opção consciente, sem se preocupar com o que o fel dos outros intuía. Diria que apenas desejava libertar-se da mendicidade que pesava sobre os seus ombros. Naquele tempo, apenas queria gozar de liberdade, convenhamos. Liberdade dos pais, da ditadura do Estado Novo, da vida agreste que levava nos telhais onde trabalhava. Acredito, se bem pensar nisso, que era no cheiro dos lençóis que os sonhos lhe perfumavam a alma a ponto de pretender fugir unicamente da sua infância difícil. Incansável trabalhador, formara-se para a liberdade. Desejava tão só fugir aos tempos retrógrados e conservadores. Ah, liberdade, liberdade! Liberdade dos tempos austeros, daqueles como os que os seus pais passaram antes de terem de passar à clandestinidade. Quiçá, espante-se, até da obrigatória saudação à bandeira portuguesa, ele que apenas aceitava a entronização do crucifixo. Procurava, no meio de tão lamentáveis circunstâncias e por entre as suas próprias sombras, buscar nessa sua liberdade os pedaços fragmentados do seu ser e, com o montículo crescente das suas feridas, encontrar-se por completo. Sem vergonha. Apenas com a intenção de mudar a pele do corpo. Talvez por isso, e pelas orações ao padre-nosso, a Providência

havia-o destinado a sobreviver à tormenta e reunir na sua pessoa as maiores dignidades.

Muitas vezes a vida resolve por nós o que não saberíamos nós resolver. Só assim, quem atinge o fim que procuramos é, sem qualquer dúvida, feliz. Como tal, afoito e valente diante das hastes nuas das manadas de touros, com o seu calção e meia de lã grosseira, jaleca ao ombro e rublo colete, Gineto lá passava intermináveis horas nas pastagens tufantes da lezíria, onde manadas de cavalos e bois corriam à solta. A cuidar do gado bravo, era ali que sentia toda a liberdade que exigia para si. No campo, pelas bandas da Igreja de Nossa Senhora de Alcamé, libertava-se do que o acorrentava e era bem-aventurado. Tudo sem que se constasse motivo ou obstáculo algum que o desviasse do cumprimento do seu propósito. Cativo do ambiente que se erigia à sua volta, e por forma a afastar-se, em parte ou no seu todo, do clima repressivo da altura, aquela lezíria era, para si, uma pura maravilha, a ponto de morrer por ela. Até para mim já que, ainda hoje, ao olhar para a outra margem, os salpicos negros na planura dão-me a vaga sugestão duma virgindade que parece não ter sido corrompida, dum primitivismo que me dá uma força sem limites e traz à memória as histórias de bravura de campinos como o meu pai.

Por outro lado, junto à margem do rio onde a minha mãe Rosete conservara por tanto tempo um pequeno barco de pesca, tudo me faz recordar da dura vida que levava. Tenho orgulho nela, naquela varina que tanto honrou a tradição da comunidade avieira que fazia da pescaria um modo de vida e o seu sustento. Ela tinha um não sei o quê que me impressionava. Talvez a cabeleira farta ou o par de olhos aveludados que mereciam os mais entusiásticos elogios. Lembrava uma daquelas crianças que pouco se importava da triste figura que pudesse fazer ou se comportava como uma criança. O certo é que era feliz à sua maneira e, sem alongar-me sobre a natureza da paixão que teve com o meu pai, aquele amor foi como se um relâmpago tivesse atingido a alma de ambos com um golpe tremendo. Ombreando em idades e mesmo sem nada disporem na carteira, prontamente casaram numa singela cerimónia na Igreja Matriz de São João Baptista, com a “*bênção*” do seu estimado santo Sousa Martins, na nossa bela vila de Alhandra, uma união conjugal prontamente abençoada com o meu nascimento. Quase de seguida, e por mais duas vezes, voltaria a carregar

no seu ventre o penhor de tamanho afecto matrimonial, enchendo-a de contentamento, o que a levava a depositar, de tempos a tempos, uma velinha acesa no nicho da Capela da Nossa Senhora da Conceição do Portal. Parecia que Deus os tinha adornado de graças, a ponto de chegarem a pedir que aquela paixão descesse à terra para que se sentissem humanos e, assim, pudessem rivalizar com os deuses. Enfim, uma história que me leva a acreditar que, afinal, existem almas gémeas nas nossas vidas.

Todos os dias, aquela mulher fazia o mesmo com todo o seu vigor: pelas pestanas da manhã esperava o peixe fresco que o barco do Ti-Zeca havia de trazer e, depois de carregada a canastra à cabeça, prestava-se a oferecê-lo na banca do mercado municipal, com a sua voz cristalina e cantante. Depois, durante a tarde, encontrava ainda tempo para cuidar da singela casa e arranjar convenientemente a roupa de meu pai até que, quando tudo estivesse em ordem, pudesse preparar a sua deliciosa açorda de sável. Uma delícia, com as ovas e os fígados misturados com o pão demolhado e fervido na água que cose parte do peixe. Ela era, sem dúvida, a minha inestimável consolação, a quem sacrificaria a sua última força, o seu sossego e até o seu alimento para que jamais me deixasse cair em desgraça, juntamente com os meus irmãos. Afinal, qual o pai e mãe que nunca jurou não poupar nem o sangue nem a vida em abono e governo das tripas dos filhos? A toda a hora sinto a falta da sua sabedoria que caracterizava os seus regrados maiores. Em suma, para tudo sintetizar em poucas palavras, queira Deus julgar os seus feitos meritórios.

Já de noite e depois da largada de touros terminada, a Feira de Outubro torna-se no elemento mais divinal. É nesses instantes que a festa é representada com todo o seu esplendor e elegância. Era sempre nessa altura que em Gineto palpitava todo o seu coração, sem que parasse de falar das suas fugas pelos esteiros negros quando jovem. Apenas e tão só para ver Rosete na pequena barraca de tiro. Esta é a altura do ano que mexe com qualquer pessoa já que a alegria da feira forma a moldura de um quadro de inconcebível magnitude. É ali que os rapazes adoram confrontar as jovens perdidas de amores, as mesmas que, dessoradas de beatério, caminham de almas ingénuas a caminho da festa onde o divertimento parece promover o amor à categoria do sagrado. Era ali que encontravam uma tão grande diversidade de sensações sempre apoiadas por

conversas subtis. Ah!, e as barracas dos tiros e as caravanas ambulantes dos fantásticos comes e bebes! Já nem falo do saudoso circo, aquele que era a predileção do povo, em que animais selvagens e exóticos monopolizavam a atenção de pequenos e graúdos. Tudo sem esquecer, claro está, o artesanato regional, a roleta de cigarros e a banca do algodão doce. É ali que é ver-se tirar o ventre da miséria, comendo polvo assado na barraca antes da visita às bancas do artesanato ou da habitual volta nos carros-de-choque. Não há nada igual, confesso.

Quando a noite vai alta, o recinto da feira torna-se pequeno para conter tanto povo. Um berreiro infernal envolve-o, em especial o proveniente dos imensos altifalantes. A música dos carrocéis ecoa pelo ar, em conjunto com a voz do vendedor de roupas no cimo do seu camião. No bolso contam-se as moedas. Mais uma volta no carrocel não faz mal a ninguém e alegra a alma. A miudagem, essa fica eufórica: uns acompanham os pais, outros preferem estar sozinhos ou com os amigos. Afinal, tal como Gineto nos seus tempos de criança onde, juntamente com os seus amigos Gaitinhas, o Maquineta e o Sagui, “*os filhos dos homens que nunca foram meninos*”, tantas brincadeiras lhe encheu a infância, também hoje os mais novos podem sentir e viver qualquer coisa de vibrante que jamais esquecerão. É ali, por entre barracas de toda a espécie e divertimentos para todos os gostos, que se encontram e convivem para preservarem a velha trama de tradições. Todos têm um lugar franco na Feira de Outubro, entre barracas de loiças, quinquilharias, estribos e chocalhos, barracas de petiscos, eiroses fritas e enguias ensopadas, tudo bem regado com encorpados vinhos ribatejanos, sob o fumo adocicado das farturas quentes.

Com a reflexão dos anos e agora que aqui deixo registada estas memórias, relembro a última vez que os meus pais foram à feira. O encaminhamento dos touros para os curros da Praça de Touros há muito que acontecera e em breve seria um novo dia. Todavia, ainda houvera tempo para passearem comigo. A minha mãe desejava naquela noite comprar uma qualquer planta numa das barracas alumiadas a bico de acetilene, para logo depois o meu pai poder mostrar às gentes como se dançava o sapateado no rancho folclórico. Daí que o admirasse quando após um dia de grande tarefa se apresentava incansável no baile-de-roda, apostado a levar de vencida os parceiros no galantear. Mas antes, a barraca de tiro, onde ambos se divertiam. Afinal, fora ali

que a conheceu, que a amara verdadeiramente. A Feira de Outubro é, ainda hoje, toda ela uma verdadeira agência de casamentos, onde o ribatejano arredonda os olhares matreiros pelas cachopas, que em grupos divertidos vêm animar a feira. E não-de fechar as últimas barracas, ficarem vazias as pipas e as frigideiras, extinguir-se o último sopro da sanfona que dá música aos carroceiros e ainda o feirante da ramboia, e todas as raparigas ainda se manterão frenéticas, ímpares e sensuais, seguidas pelos garotos, até às tertúlias onde reinam os fados e guitarradas, acompanhando a voz dolente dos fadistas da terra que cantam versos de liberdade, da bravura dos campinos ou de famosos feitos ocorridos na lide dos touros.

Agora que já é madrugada, a multidão, esgotada por tantas emoções recebidas, caminha cambaleante ao longo das ruas da cidade iluminada, enquanto relembra um dia cheio de energia. Daqui a um par de horas, todos voltarão a repetir tudo com a mesma satisfação, enquanto verão passar de novo os homens de coletes encarnados e barretes verdes ondulantes, cavalgando desabridamente seus fogosos ginetes bem à frente das bestas de hastes assustadoras. Depois, pela noite, voltarão à feira que tanto amam para que a história não se perca nas brumas do esquecimento ou de qualquer repressão. Afinal, só querem sentir-se em liberdade consigo mesmos. Haverá coisa maior do que seremos merecedores da nossa liberdade? Afinal, sermos nós próprios é a maior liberdade que podemos ter.

*“Quem quer ir p’ra feira?!... en, gentes?!... Quem quer ir?!...!”*